

# Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

---

ENTREVISTAS DA DIRETORIA COM SÓCIOS FUNDADORES DA ABG - PA

*Neiva Otero Schäffer*

*Boletim Gaúcho de Geografia, 19: 116-120, maio, 1992.*

Versão online disponível em:

<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38022/24513>

---

Publicado por

**Associação dos Geógrafos Brasileiros**

---



Portal de Periódicos  
**UFRGS**

UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO GRANDE DO SUL

---

## Informações Adicionais

**Email:** [portoalegre@agb.org.br](mailto:portoalegre@agb.org.br)

**Políticas:** <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

**Submissão:** <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

**Diretrizes:** <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

---

Data de publicação - maio, 1992

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

## ENTREVISTAS DA DIRETORIA COM SÓCIOS FUNDADORES DA AGB-PA

No dia 19 de novembro de 1994 a AGB-PA completou 21 anos de atividades. Para comemorar este fato a Diretoria decidiu iniciar um processo de resgate das etapas iniciais de formação da entidade, através de entrevistas com socios que estiveram envolvidos com as primeiras gestões da AGB-PA. Neste número do Boletim Gaúcho de Geografia trazemos as entrevistas com os professores Casemiro Medeiros Jacobs e Gisela Copstein.

### ENTREVISTA COM O PROF. CASEMIRO MEDEIROS JACOBS, SÓCIO FUNDADOR E PRIMEIRO DIRETOR

1) Como surgiu a idéia de organizar um núcleo da AGB em Porto Alegre?

O processo de maturação da idéia de organizar um núcleo da AGB em Porto Alegre surgiu da minha experiência vivida em dois eventos geográficos: primeiro, o Encontro Nacional de Geógrafos em Presidente Prudente, no período de 01 a 08 de julho de 1972 e que tinha como temática o Estudo da Colonização do Brasil e, ainda, no Curso para Professores de Geografia do Ensino Superior, promovido pela Fundação IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia, realizado no período de 08 a 19 de janeiro de 1973, no Rio de Janeiro, e que tinha como eixo de análise os métodos quantitativos em Geografia: a análise fatorial com pesquisa de campo no Vale do Paraíba do Sul. Esses dois momentos foram fundamentais para a consolidação dessa idéia, pois convivi com colegas que conheciam profundamente a estrutura de poder da AGB, fornecendo-me, assim, informações de cunho administrativo para concretizar esse propósito.

2) Em que condições ocorreu a criação do núcleo da AGB-PA.?

O cenário que motivou a criação de uma representação da AGB em nível de núcleo e não de seção regional apresentava o seguinte perfil no início da década de 70: Porto Alegre e o Estado do Rio Grande do Sul, como um todo, apesar de sua produção geográfica ser considerada significativa e dentro dos padrões epistemológicos gerais do País não possuía, na época, o número suficiente de sócios-titulares que era considerada a condição fundamental para a estruturação da AGB nesse segundo nível organizacional. Desse modo, agora já coletivamente, partiu-se com muita força, coragem e apoio dos colegas da Seção Regional de São Paulo e da AGB Nacional para a criação do núcleo de Porto Alegre que, com a colaboração e participação da chefia e da maioria dos professores do Departamento de Geografia da UFRGS, foi estruturando todo o processo burocrático, culminando com a fundação do núcleo naquela Instituição Universitária no dia 19 de novembro de 1973. A Diretoria foi constituída pelos seguintes membros: Diretor Casimiro Medeiros Jacobs; primeiro secretário Gilberto Lazare da Rocha; segunda secretária Olga Maria Schild Becker; tesoureira Gisela Copstein; comissão consultiva: Gervásio Rodrigues Neves, Jayme Chaves Barlem e José Alberto Moreno. A sede do núcleo foi instalada numa das salas do referido departamento, localizado na Rua Gal. Vitorino nº 255, em Porto Alegre.

3) Quais os objetivos que conduziram à criação da AGB-PA?

O núcleo da AGB de Porto Alegre sempre foi muito rico em sonhos e realizações, até pela condição de ficar nesse nível institucional. Ficando na condição

de núcleo, a intenção imediata era produzir o máximo para alcançar o nível de seção regional no menor tempo possível. Isto foi conseguido graças ao desenvolvimento de vários programas geográficos que foram construídos e implementados, visando o aperfeiçoamento profissional dos geógrafos e dos professores de Geografia de diferentes níveis; ampliação do quadro de sócios colaboradores e titulares; maior participação dos sócios nos encontros e congressos da AGB nacional. No que se refere à publicação do Boletim Gaúcho de Geografia e para orgulho dos geógrafos gaúchos é encontrado, ainda hoje, nas melhores referências bibliográficas de competentes geógrafos brasileiros. Para melhorar o processo de trabalho dos profissionais da área ocupacional da geografia, foram realizados vários cursos e seminários com os principais representantes da Geografia neopositivista brasileira, considerada naquele momento uma perspectiva epistemológica relevante não só no processo de construção do conhecimento geográfico, como também, nas demais ciências sociais e humanas. Assim, com base na produção do conhecimento e no dinamismo do núcleo da AGB de Porto Alegre, ele permaneceu apenas dois anos e oito meses nessa instância, transformando-se em seção regional em 01 de julho de 1976. A primeira diretoria ficou assim constituída: diretor Casimiro Medeiros Jacobs; vice-diretor Gervasio Rodrigo Neves; tesoureira Gisela Copstein; secretária Lia Luz Livi. A posse dessa diretoria foi presidida pelo então presidente da AGB nacional, o geógrafo David Márcio Santos Rodrigues. A sede permaneceu no mesmo local onde funcionava o núcleo agebiano.

#### 4) Qual era a relação com a AGB nacional?

Tanto no nível de núcleo quanto na instância de seção regional do Rio Grande do Sul o processo de participação com a AGB nacional se tornou progressivamente forte e significativa no plano científico, técnico e administrativo. Na qualidade de diretor de 1973 até 1976 participei ativamente na AGB nacional na condição de: a) membro eleito do conselho diretor biênio 1974/1976 como representante dos núcleos de São Paulo; b) membro eleito do conselho diretor biênio 1976/1978; c) membro eleito do conselho diretor Biênio 1976/1980; d) participação nas reuniões culturais, seminários etc.; e) participação nas excursões dos congressos e encontros; f) coordenações de seções dirigidas nos encontros; g) intercâmbio intenso de publicações; h) membro do segundo congresso de geógrafos no Rio de Janeiro em 1965. É importante ressaltar, ainda, que a partir da fundação do núcleo, a participação dos sócios do Rio Grande do Sul ampliou-se consideravelmente. Nessa relação, novamente, é interessante enfatizar a densidade do Boletim Gaúcho de Geografia, sempre muito aguardado pelos membros do conselho diretor da AGB nacional. Finalmente, é importante mencionar que os relatórios de atividades do processo da AGB gaúcha fortaleceu as conexões entre as duas instituições, pesando pela sua forma e conteúdo nas decisões do conselho diretor.

#### 5) Qual era, à época, sua vivência da AGB?

Meu processo de vivência na AGB inicia-se realmente em 1972, no primeiro Encontro Nacional de Geógrafos, no momento em que essa instituição geográfica muda o seu esquema organizacional de assembleias, norteadas por pesquisas de campo, para grandes encontros ou congressos. Antes desse evento somente dialogava com colegas participantes sobre as "construções científicas" das assembleias em questão, sendo também, familiarizado com os textos dos boletins produzidos em várias seções regionais da AGB.

## 6) Como vê o processo de evolução da AGB no Rio Grande do Sul?

O tempo agebeano gaúcho caracterizou-se fundamentalmente pela tentativa de construir um espaço de discussão crítica do conhecimento geográfico e da educação geográfica, em diferentes níveis. Esse processo envolveu os dilemas dos pressupostos epistemológicos, relevância social, espacial e ambiental e, ainda, as questões relacionadas com a interdisciplinaridade e interculturalidade. Nessa perspectiva, desde a década de 70 o debate centrou-se na Geografia tradicional de base positivista e na Geografia renovada ou quantitativa de pressupostos neopositivistas. Textos orais e escritos foram elaborados, envolvendo inclusive a dinâmica do curso de geografia da UFRGS e da UNISINOS.

A construção do Boletim Gaúcho de Geografia, em suas diferentes séries, também parecem refletir esse momento de transição entre essas duas matrizes epistemológicas.

É interessante ressaltar, ainda, que apesar dos esforços e seriedade dos pesquisadores do Boletim Gaúcho de Geografia, participando dos eventos da AGB, em diferentes patamares institucionais, o ciclo neopositivista não amadureceu de modo expressivo o processo geográfico, ficando aquém do rigor e da profundidade daquele paradigma. Situação semelhante processou-se nas instituições que foram pioneiras dessa concepção que, da mesma forma, embora em níveis diferentes, não conseguiram transformar radicalmente a estrutura conceitual da Geografia tradicional que continua mostrando, fortemente, a sua "cara" nos textos didáticos. A Geografia necessita sair dos "arranques epistemológicos iniciais" e avançar radicalmente na procura de uma produção de conhecimento que reflita com profundidade a concepção escolhida e um grau de maturidade vivencial que permita uma mudança de concepção com consciência crítica. Não importando o enfoque teórico selecionado, pois estes apesar de relevantes são sempre mutantes e dinâmicos.

Nesse sentido, parece pertinente focar nessa trajetória agebeana, a conferência proferida pelo geógrafo Milton Santos, patrocinada pela AGB seção regional do Rio Grande do Sul, realizada no auditório da Faculdade de Arquitetura da UFRGS, no ano de 1979 e que tinha como temática a idéia da "Geografia Nova" que questionava e dialetizava o neopositivismo que serve de pressuposto epistemológico da "Nova Geografia". Esse geógrafo já ressaltava, na época, de um modo geral, que era por meio do materialismo histórico e da lógica dialética que se devia encontrar as bases para a reconstrução de um conhecimento geográfico que possa atender à realidade social e ao cotidiano de cada indivíduo, abrindo dessa maneira, novos desafios nos processos de pesquisa. Esse acontecimento, provavelmente, constituiu-se no referencial mais fértil, desencadeando um processo crítico que vem proporcionando mudanças nas construções geográficas atuais, consolidando um bom nível de pesquisa e uma importante influência nos textos de cunho educativo. Por último, é bom lembrar que é somente com a reflexão crítica sobre os paradigmas existentes, que se vai provocar as mudanças e inovações, não importando qual o paradigma.

## 7) Qual o papel da AGB-PA para a Geografia do Rio Grande do Sul?

A AGB tem contribuído, ao longo de sua trajetória, para o aperfeiçoamento, atualização e elevação das competências dos profissionais voltados para a área de trabalho da Geografia e da educação geográfica. Tem colaborado de modo relevante na elevação dos padrões de pesquisa, fazendo também, intervenções de cunho técnico, em variadas organizações, tanto públicas quanto privadas.

Os núcleos temáticos, que têm sido tratados por meio de diferentes enfoques teóricos, evidenciando o posicionamento dos pesquisadores, têm correspondido, geralmente, aos dilemas da educação, meio ambiente, territorialidade; cidadania, espaço e competências profissionais.

8) Que considerações finais terias para esta entrevista?

Desejo, ainda, expressar a minha gratidão e reconhecimento a todas as pessoas e instituições que, de alguma maneira, colaboraram para a fundação e construção da AGB do Rio Grande do Sul, sempre dinâmica mas, também, sempre inacabada. Aos geógrafos que estão continuando essa obra, o meu reconhecimento e a minha esperança.

Finalmente, quero esclarecer que as datas do texto desta entrevista possuem apenas um valor formal. Portanto, o meu período de entrada no processo agebiano, entre 09 de novembro e 03 de julho de 1980 não teve força de racionalidade nesta construção. Aqui, vivenciei o meu existir, em algum horizonte dessa instituição polissêmica, dando ao tempo, um significado de totalidade.

### **ENTREVISTA COM A PROF<sup>a</sup> GISELA COPSTEIN, SÓCIA FUNDADORA E PRIMEIRA TESOUREIRA**

1) Como surgiu a idéia de organizar um núcleo da AGB-PA em Porto Alegre?

A dificuldade de fundação de um núcleo antes da criação da AGB-PA era a exigência de haver pelo menos um sócio efetivo, a que não havia por aqui.

Por iniciativa de quatro sócios colaboradores da AGB-Nacional, Raphael Copstein, Gervásio Neves, Casimiro Jacobs e eu, foi enviado o currículo de cada um para São Paulo. Aceitos como sócios efetivos, convocou-se uma reunião fundadora do núcleo local nas dependências do Departamento de Geografia da UFRGS onde se instalou a primeira sede.

2) Quais os objetivos que conduziram à criação da AGB-PA?

Os mesmos da AGB-Nacional

3) Qual era a relação com a AGB-Nacional?

Participação nas Assembléias Nacionais, reuniões periódicas de coordenação e preocupação em adquirir os boletins.

4) Qual era sua atividade na AGB?

Fui tesoureira durante três gestões, participava da organização de eventos, sobretudo os ligados aos contatos com os professores de 1º e 2º graus. Mas a atividade que mais me gratificava era a organização dos boletins gaúchos, sobretudo a produção de artigos para publicação que muitas vezes não contavam com nenhuma contribuição.

5) Como via a AGB-PA quando foi criada em 1973 e qual o seu papel para a Geografia do Rio Grande do Sul?

